



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

CINEMA E FORMAÇÃO DA JUVENTUDE: VISÕES CATÓLICAS NO MENSAGEIRO DA FÉ

Raquel Costa Santos*
(UESB)

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar visões católicas acerca da relação entre cinema e formação da juventude, a partir do levantamento e análise de textos veiculados em edições entre as décadas de 1930 e 1960 da revista franciscana Mensageiro da Fé, importante publicação católica que circulava na capital baiana e em outras cidades da Bahia no período. Tal intento parte da compreensão de um contexto maior, em âmbito mundial e nacional, no qual a Igreja Católica implementava organismos e documentos de direcionamento e fazia repercutir as suas diretrizes para clérigos e leigos, sendo as publicações periódicas, especializadas ou não, um dos meios de publicização do que os católicos pensavam acerca do assunto. A análise é feita à luz do entendimento da formação não restrita à educação escolar, mas relacionada aos amplos processos de aprendizado, incorporação e transmissão de saberes, mediados pelo cinema como bem simbólico.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Formação; Igreja Católica.

*Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Analista universitária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando na coordenação do Programa Janela Indiscreta Cine-Vídeo Uesb. Integrante dos grupos de pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento e Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural. E-mail: quelcosta9@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

Traduzindo a viva preocupação da Igreja Católica com os potenciais do cinema para o bem e para o mal, especialmente da juventude, foram promovidas, desde cedo, no contraponto às atitudes de prevenção e vigilância, iniciativas de direcionamento para os católicos, clérigos e leigos, de todo o mundo. Entre estas, estão a implementação de organismos internacionais, como a Organização Católica Internacional do Cinema (OCIC)¹³⁸ e a Comissão Pontifícia para o Cinema Didático e Religioso¹³⁹, e documentos, como as referenciais encíclicas *Vigilanti Cura*¹⁴⁰ e *Miranda Prorsus*¹⁴¹. Sem dúvida, esses instrumentos direcionais ecoaram nos países, nos quais os seus religiosos, seguindo as instruções maiores, mas, muitas vezes, para além delas, imprimiam as suas visões e as suas ações acerca do assunto.

138A *Oficce Catholique International du Cinéma* – Organização Católica Internacional de Cinema (Ocic) foi fundada em 1928, por ocasião do congresso de *L’Union Internationale des Ligues Féminines Catholiques*, que, reuniu em Haia, na Holanda, representantes de 15 países. O órgão consultivo do Vaticano se instalou provisoriamente em Munique, na Alemanha, transferindo-se no ano seguinte para Paris e, em 1933, instalando-se definitivamente em Bruxelas, na Bélgica. No final da década de 50, a Ocic já agrupava militantes católicos de 32 países (DALE, 1973; RIBEIRO, 1997).

139A Comissão Pontifícia para o Cinema Didático e Religioso foi criada em 1948, por Pio XII (1939-1958). Em 1952, transformou-se na Comissão Pontifícia para o Cinema, ampliada, em 1954, para a Comissão Pontifícia para o Cinema, o Rádio e a TV (LOGGER, 1959).

140A *Vigilanti Cura* foi promulgada pelo Papa Pio XI em 29 de junho de 1936, sendo a primeira encíclica sobre o cinema. A carta dirige-se primeiramente a toda a hierarquia eclesiástica dos Estados Unidos e depois aos bispos de todo o mundo, para externar o parecer do pontificado sobre assunto “relacionado tão de perto com a vida moral e religiosa de todo o povo cristão”.

141A *Miranda Prorsus* foi promulgada em 8 de setembro de 1957, pelo Papa Pio XII. É segunda encíclica papal a tratar do cinema e trata também do rádio e da televisão. A carta dirige-se a todos os ordinários da Igreja, referindo-se primeiro às características gerais dos três meios audiovisuais e, depois, a cada um separadamente.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

No Brasil, isso se deu por meio da implementação de organismos nacionais de difusão e educação cinematográfica¹⁴² e por meio do trabalho de um apostolado cinematográfico que repercutiu em diversos estados. As ações iam de cursos básicos, médios e superiores de cinema à implantação de cineclubes em paróquias e colégios católicos. E a visão católica se fazia repercutir, entre outras formas, em publicações periódicas, não somente as especializadas em cinema, que começaram a surgir na década de 1920¹⁴³, mas também as de temas gerais que tinham o cinema entre as suas discussões.

Durante as minhas pesquisas de mestrado¹⁴⁴, levantei e analisei as edições entre as décadas de 1930 e 1960 da revista franciscana Mensageiro da Fé, um dos mais importantes veículos católicos em circulação na capital baiana e outras cidades da Bahia, que veiculava não somente a visão dos franciscanos acerca dos mais diversos assuntos, mas trazia notícias das ações católicas no Brasil e no mundo¹⁴⁵. Pude perceber que, em se tratando de cinema, a formação da juventude era o tema relacionado mais recorrente. Este texto apresenta um pouco dessa publicização do

142Entre esses organismos, os principais, de atuação nacional, eram: o Secretariado Nacional de Cinema da Ação Católica Brasileira, oficializado em 1938, que funcionava no Rio de Janeiro, filiado à Ocic a partir de 1939, e que, tornou-se, sucessivamente, Departamento Nacional de Cinema e Teatro da Junta Nacional da Ação Católica Brasileira (1948), Serviço de Informações Cinematográficas – SIC (1950) e Central Católica de Cinema – CCC (1961); a empresa cinematográfica Cephass, constituída em 1940, também no Rio de Janeiro; e a organização Vigilanti Cura, instalada em São Paulo, no início da década de 1950, e que congregava o Cineclubes Vigilanti Cura, a Sacra Filmes, a Fornecedora dos Cinemas Católicos, a Orientação Moral dos Espetáculos (OME) e o Circuito de Cinemas Católicos do Brasil.

143Já nos anos 1920, o Centro da Boa Imprensa, obra do Frei Pedro Sinzig, lançou a revista “A Tela”, sobre cinema e com críticas aos filmes que chegavam ao país (EQUIPE DE REFLEXÃO DO SETOR DE COMUNICAÇÃO DA CNBB, 1994).

144As pesquisas resultaram na dissertação intitulada “Lição de Coisas: Igreja Católica e Formação Cultural para o Cinema no Brasil e na Bahia”, apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em maio de 2009. Este texto é uma adaptação de parte de um dos capítulos da dissertação, o que trata de “Igreja e cinema na Bahia: práticas e trajetórias”.

145A revista Mensageiro da Fé era quinzenal, publicada desde o ano de 1894, um ano após a chegada dos franciscanos italianos à Bahia. Quando foi assumida pelo Frei Hildebrando Kruthaup na década de 30, publicava 40 mil exemplares, que circulavam por Salvador e outras cidades da Bahia. No levantamento das edições do Mensageiro da Fé, contei com a colaboração da pesquisadora Veruska Anacirema Santos da Silva, que gentilmente me cedeu o material que havia coletado referente às décadas de 1950 e 1960.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tratamento dado à relação cinema-educação, tida aqui não só relacionada à educação escolar, mas aos amplos processos de aprendizado, incorporação e transmissão de saberes, tendo o cinema como bem simbólico mediador. Para esta reflexão, apresentamos, antes, a base teórica sob a qual compreendemos esses processos de formação, qual seja a teoria praxiológica de Pierre Bourdieu.

Habitus, incorporação e transmissão de saberes

As atitudes católicas acerca do cinema manifestadas na implementação de organismos e documentos e na difusão de informações e opiniões com vistas à orientação do público nos leva a pensar na grande preocupação da Igreja com um *habitus* baseado no cinema, que ia progressivamente moldando gostos, gestos, condutas, comportamentos e afetividades. Isto remete à relação entre linguagem e corpo, abordada por Pierre Bourdieu (1996; 2004), na sua sociologia praxiológica. O autor nos ajuda a compreender como se dão os processos de incorporação e transmissão dos saberes, que estão relacionados à memória, às práticas e às estruturas sociais.

De Bourdieu, comparece-nos fortemente aqui a idéia da relação entre as estruturas objetivas (do campo social) e as estruturas incorporadas (do *habitus*), ou seja, de como os campos moldam os corpos a determinada disposição a praticar.

As práticas resultam da relação dialética entre uma *estrutura* – por intermédio do *habitus* como *modus operandi* – e uma *conjuntura* entendida como as condições de atualização deste *habitus* e que não passa de um estado particular da estrutura. Por sua vez, o *habitus* deve ser encarado como “um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por estes resultados” [...] O *habitus* vem a ser, portanto, um princípio operador que leva a cabo a interação entre dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e as práticas. O *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas (MICELI, 2004, p. XLI).

Assim, Bourdieu (1996) chama a atenção para a necessidade de se considerar as práticas não em si mesmas ou por si mesmas, transformando-as em propriedades substanciais, mas a partir da relação entre as posições sociais (conceito relacional), as disposições (*habitus*) e as tomadas de posição (escolhas), relacionalmente definidos. Isso significa considerar as instituições de socialização dos agentes, que ocupam posições relativas em um espaço de relações, a que o autor chama de campo. Bourdieu considera, assim, os quadros socioinstitucionais onde se dão os modos de fazer e onde eles são reconhecidos como tais. Entre estes, estariam, fundamentalmente, a família e a escola, que estabelecem, com suas lógicas específicas, estratégias de reprodução da distribuição do capital cultural e da estrutura do espaço social.

Nos diferentes campos ou universos sociais, estabelecem-se as instâncias de transmissão, visibilização e legitimação de um fazer específico, que resultam nas distinções, mediante as posições, que geram os *habitus* e ao mesmo tempo são geradas por eles. Assim, o *habitus* retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida, um conjunto de escolhas de pessoas, de bens e de práticas, operando como “princípio de classificação, de visão e divisão, de gostos diferentes”. Essas diferenças de bens, de práticas, de maneiras, são constitutivas de sistemas simbólicos, com sua linguagem, seus signos distintivos (BOURDIEU, 1996, p. 22).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Essas proposições me parecem bastante apropriadas para pensar as visões de quem fala em nome de uma doutrina católica, a partir da análise de textos num veículo católico que narram episódios e comportamentos gerados pela influência do cinema, sobretudo na juventude, e conclama pais, mestres e sociedade a agirem neste campo, pelo bem físico e moral das crianças e adolescentes.

Escola de perversão ou de elevação?

Um dos mais importantes pensadores católicos acerca da relação entre cinema e educação, o professor Jônatas Serrano, que publicou, em 1930, o primeiro livro sobre o assunto no país, “Cinema e Educação”, argumentava em texto publicado na revista Mensageiro da Fé de 15 de setembro de 1935:

Aqui no Brasil parece que ainda há muita gente – catholica ou não – que considera o cinema simples divertimento de jovens, - coisa portanto sem maior valor, ninharia de que não vale cogitar. Outros, assustados com a parte cada vez maior que o Cinema vae tendo no orçamento da família e com a evidente influencia dos films na vida social, de hoje, nas modas, nas opiniões, nas preferências dos jovens, - pedem uma acção repressiva á Censura Official, á Polícia, ao Estado enfim. Muitos amaldiçoam o cinema, accusando-o de responsável pela anarchia geral das idéias e pelo afrouxamento de toda a disciplina. Chegam a negar que há Cinema Educativo. Há em tudo isso um lamentável erro de psychologia. A verdade é que o Cinema, como o Theatro, como o Livro, como o Jornal, é, será, poderá ser o que delle fazemos ou fizermos. A acção repressiva, o combate ao mau cinema, é uma necessidade que se impõe. Não resolve, porém, sactisfatoriamente, o problema. A acção positiva, a producção, a circulação, a recommendação dos bons films é dever inadiável dos que amam a Arte, a Educação, a Cultura, digna do nosso século. E o primeiro passo nessa direcção é entender do assumpto, estudá-lo, dar a devida attenção. Desinteressar-se delle é outro lamentável erro de psychologia (SERRANO, 1935, p. 138).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O autor sublinha ainda a tendência, revelada no Congresso Internacional da Cinematografia, em Berlim, de o Estado assumir o controle do cinema, o que seria um “pecado original”, que demandava a atenção para que fosse revertido, tendo, então, os católicos, um papel fundamental a assumir¹⁴⁶.

Na edição de 15 de junho de 1941, Paulo de Damasco manifesta a sua opinião sobre a ineficácia da condenação sumária ao cinema, ao tempo em que considera:

Ora, o cinema é uma das maravilhosas conquistas da inteligência humana, na sua sêde insaciável de progresso. A ninguém é lícito maldizer desse belo ideal do homem de progredir, de se elevar pela ciência e pelo saber, sempre e cada vez mais. A ninguém é lícito nem dado deter o espírito humano nos seus vãos alcondorados para o mais e para o melhor. [...] Depois, o cinema é, hoje em dia, uma das preferidas das distrações, e não há lei alguma que proíba á distração, desde que seja honesta e boa. Além disso, também, como elemento educativo, é o cinema de extraordinária fôrça de penetração, pelo que urge não deixarmos que dele se utilizem, discricionariamente, as potências do mal com o fim de corromper e escandalizar (DAMASCO, 1941, p. 22).

O assunto do cinema-educação foi recorrente em 1944. Na primeira edição de maio daquele ano, o texto “Divertimentos e Educação Cristã”, citando o exemplo de Davi, o rei de Israel, que dançou diante do Senhor, não sendo por isso desrespeitoso, fala dos divertimentos procurados pela mocidade, entre eles o cinema. O artigo ressalta:

A Igreja não é contra distrações sadias, provam-nos tantos colégios católicos, mantidos por Religiosos ou Religiosas, onde, além das salas de estudo, do gabinete de física, numa área ampla para exercícios físicos, existe quase sempre também um teatro-cinema para fornecer

146 No Brasil, com raízes no processo de separação entre a Igreja Católica e o Estado em fins do século XIX, havia um intensa disputa entre as duas instâncias pela educação no país, que ficou mais explícita durante o Governo Vargas, mais especificamente na gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde. O cinema estava inserido nessas tensões, pois ambos já haviam percebido o seu potencial educador.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

distração agradável e pura aos alunos e seus parentes (DIVERTIMENTOS..., 1944).

As três edições seguintes àquela, a segunda de maio e as duas de junho, trazem um texto continuado exclusivamente sobre o cinema e a educação. Primeiro, o cinema é apontado como “uma escola de perversão em que se dão cursos completos da ciência do mal, de todos os crimes e misérias que flagelam a humanidade, como o roubo, o assassinio, a traição, o ódio, a corrupção mais tôrpe”. Junto a isso, fala da responsabilidade dos pais no que oferecem ou permitem aos filhos, que vão desenvolvendo os gostos. A culpa primordial do que se via seria não primordialmente dos donos ou empresários das salas de cinema, mas do próprio público, formado pelos pais cristãos, pelas mães cristãs e pelos seus filhos e filhas. A solução seria, então, a atenção à cotação dos filmes que era publicada semanalmente pela Ação Católica Brasileira, no Rio de Janeiro, e que servia de guia para os demais estados. É feita menção ao Código de Menores que figurava à época, estabelecendo respectivos limites de acesso ao cinema, para, respectivamente, menores de cinco, de 14 e de 18 anos, sendo o juiz de menores a autoridade competente para se evitar que “transgrida a lei e se envenene a alma da juventude em espetáculos pouco morais”. Mas dificuldades se apresentavam devido à vastidão do país e à insuficiência dos meios de comunicação e de fiscalização/repressão. Assim, os pais são conclamados a serem o “juiz de menor” em seu próprio lar:

Não vos falta nem a autoridade nem a independência nem a força para desempenhardes bem a vossa sublime missão! Quando passa um filme que prega as virtudes, a solidariedade, um filme que desenvolve os sentimentos de abnegação, dedicação, como o amor às coisas nobres da natureza humana, quando passa um filme que ajuda à escola, administrando conhecimentos úteis, quando passa um filme que brandamente distrai sem ofender, querendo, levai ou enviai, conforme os dispositivos da lei, os vossos filhos menores! Sede



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

vigilantes para eles não caírem numa armadilha armada e escondida hábil e freqüentemente debaixo de anúncios inocentes! [...] Recordem-se os pais e quantos cuidam de crianças, de que hão de dar severas contas a Deus das almas que lhes foram confiadas e que um só espetáculo pode ser fatal à salvação dessas crianças (EDUCAÇÃO..., 1944).

Em 1948, o mesmo assunto era tratado na edição de janeiro, num texto intitulado “Há perigo nos filmes”, no qual se diz que, muitas vezes, a classificação não corresponde ao amadurecimento da criança ou do jovem. O exemplo é o das séries, que eram permitidas às crianças:

A meninada fica pressurosa para os cinemas para acompanhar tal série e fica para morrer se acontece perder um capítulo. [...] Não há nada demais que os menores não possam ver, afirmam. Mas, querem, por acaso melhor escola de roubo e assassinatos. [...] Isso não só desvia a moral das crianças, como afeta a sua saúde. Soube há poucos dias que o Juizado de Menores havia recebido uma queixa em virtude do melindroso estado de nervos que se encontra um menor, assíduo freqüentador das matinais domingueiras em um dos principais cinemas da cidade (HÁ PERIGO..., 1948).

Outro exemplo é dado na edição de julho de 1950, contando que, em Simões Dias, Sergipe, um rapaz de 14 anos havia forjado um assalto ao cofre do patrão, inspirando-se, para toda a trama, num filme que havia assistido. Nesta, como na maioria das vezes, aos pais era atribuída a responsabilidade pela “perdição” dos filhos por causa do cinema (CINEMA..., 1950).

A tendência das opiniões era distinta nos diferentes textos, uns postos a acentuar o caráter maléfico dos filmes na formação da juventude. Outros, embora não deixassem de reconhecer esse lado, tendiam a apontar outras características e possibilidades. Um poético texto do início de 1949 é um exemplo dessa análise.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A cinematografia é uma verdadeira arte. É expressão artística e em grande escala também satisfação do anseio tão vivo na alma do homem moderno, por felicidade vinda de fora. É arte para o homem comum e para a grande massa. No cinema, estes dois que se sentem enganados no tocante à herança dos bens desta terra, acham seu bom direito. Ou crêem pelo menos achá-lo; mesmo que seja apenas uma visão de um sonho ou um mundo de belas aparências. Não faz mal: “Aqui eu sou gente. Aqui eu posso estar” (WINTZ, 1949, p.3).

Pondera o autor que, por tão bela, agradável e maravilhosa, a arte cinematográfica não estaria isenta de “sedutora problematidade”:

Sabemos bem que a ele, como a toda a arte, não cabe pregar, moralizar, doutrinar no sentido estrito. Ele é expressão, representação, “ludus”; é às vezes delicioso, às vezes maravilhoso, às vezes assustador, é fantasia que distrai, que comove, que nos atraentes ou repelentes símbolos de sua variada linguagem em quadros, deve significar os escuros hieróglifos da vida. Aqui começa o grave problema do cinema, nossa distinção e nossa decidida contradição a ele. Pois nem tudo o que se chama de filme e cinema é legítima arte (WINTZ, 1949, p.3).

Conferências cinematográficas, censura, leis, criação de cinemas próprios e produção própria seriam esforços justos e eficientes, mas não tirariam a problemática do cinema, sobretudo a produção própria, porque “um tal cinema católico” não seria melhor que os outros. O autor esclarece:

Pois, o que por fim se trata aqui é muito mais do que a simples questão do filme: trata-se de nossa posição essencial para com a moderna cultura e o mundo, que em grandes extensões parece estar ou está mesmo secularizado, descristianizado ou até ateizado. Nós nos inclinamos então a fugir diante de uma tal cultura de tal mundo,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

para um ghetto cristão [...].Numa teoria de defesa, que talvez uma vez ou outra, passageiramente, esteve certa, há um trágico erro. Pois nós não nos guardamos praticamente de coisa alguma porque simplesmente é impossível fechar-se hermeticamente antes os contactos dados, não só diariamente, mas a cada instante, com a variedade da vida moderna (WINTZ, 1949, p.3).

Ora, o cerne da questão estaria na formação:

Nós devemos interiormente nos formar – e naturalmente mais ainda os jovens de tal maneira, que suportemos cristãmente os embates da vida.(...) Com isto, o problema do cinema e nossos sérios cuidados com ele torna-se uma questão da educação e da formação certa. Uma coisa do espírito, de distinção e convicção; uma tarefa que diz respeito a nós pais, mestres e curas d'almas de uma maneira como não estávamos acostumados (WINTZ, 1949, p.3).

Em janeiro de 1951, o Frei Venâncio, da Ordem dos Franciscanos, tinha um texto publicado no mensageiro da Fé, sob o título “Meninos e Cinemas”, no qual defende:

O filme instrutivo tornou-se auxílio indispensável ao ensino. Não há outro meio que tanto quanto a fita prenda a atenção e concentração dos alunos. O filme não transmite apenas conhecimentos novos, mas também influi na formação do caráter e do gosto estético (VENÂNCIO, 1951, p. 5).

Em oposição aos filmes instrutivos, haveria os recreativos, que eram os preferidos, exercendo uma “influência incalculável” sobre os jovens: “modas, maneiras boas e más, delitos e crimes”. Inclusive, estatísticas cada vez mais onerosas de criminalidade juvenil estariam esclarecidas pela má influência do filme recreativo.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A solução não estaria, para o Frei Venâncio, na proibição da assistência de todo e qualquer filme, mas na observância do “valor educativo ou pelo menos ausência de qualquer efeito nocivo na fita” e “respeito a todos os sentimentos religiosos e morais” (VENÂNCIO, 1951, p. 5).

A educação dos espectadores também figurava como necessidade frente ao cinema num texto de 16 de outubro de 1960, transcrito da Revista del Cinematografo, 1959, n. 8, p. 33. Isso seria necessário frente à moral própria que apresenta o cinema comercial, que seria “uma estranha mistura de princípios tomados de empréstimos às mais disparatadas doutrinas e reduzidas a função de normas comuns, a serem observadas na realização dos filmes”. Citando as mais significativas condutas morais expressas nos filmes, o autor propõe que, para neutralizar a cilada latente nos filmes, não haveria outro meio: “educar os espectadores, desenvolver seu sentimento crítico de tal forma que eles, no decorrer da representação, assumam uma atitude positivamente crítica, e não, como acontece em geral, negativamente receptiva” (MORAL, 1960, p. 1).

Junto à formação moral das pessoas, sobretudo das crianças e adolescentes, haveria a influência do cinema no corpo, nos gestos, no comportamento cotidiano. A Carta Pastoral Coletiva dos Prelados do Estado de São Paulo, publicada em 1940 também nos demais estados, já aponta, entre os possíveis danos causados pelos filmes, os danos ao corpo, como os de estética e de higiene (COELHO, 1940, p. 190).

Na edição do Mensageiro da Fé de outubro de 1946, o Padre Adalberto de P. Nunes S.D.S. ao falar da “Influência do Cinema” destaca como os soldados norte-americanos foram treinados para a Segunda Guerra por meio do cinema, quanto às atividades, por exemplo, do manejo de armas, técnicas de assaltos, coberturas e entrancheamentos. A influência do cinema seria na mesma medida, no sentido de “dirigir” os hábitos, como uma “paralisação progressiva da vontade”, “uma grangrena



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

na imaginação”, no cotidiano das pessoas nas cidades, sobretudo nos grandes centros (NUNES, 1946). A respeito, Nunes diz:

As modas, masculinas e femininas, e também os modos que muitos afetam e outros adquiriram sem saber, demonstram logo sua origem cinematográfica. Estes namoros escandalosos que tanto trabalho tem dado à polícia, uma certa desenvoltura exagerada nos gestos, no riso, no tom de voz, são transposições para a vida real de imagens da tela. E talvez este gosto pela pompa, pela vida fácil, de diversões e prazeres, pelo menos em parte, seja devido à influência do cinema. No mundo infantil, esta influência ainda se torna muito mais patente. Muitos meninos e meninas de hoje, pensam e vivem no cinema. Vão talvez 3 ou 4 vezes por semana, mas durante o resto do tempo, continuam revivendo o que viram na tela. Quando se encontra numa esquina o grupo de meninos conversando com muitos gestos e voz acalorada, pode-se dizer de longe que estão contando algum filme. Nos brinquedos e divertimentos, a reprodução de cenas dos filmes tem a preferência do garoto moderno, enquanto os tradicionais brinquedos brasileiros vão sendo completamente esquecidos. O menino quer imitar o artista briguento e levado. A menina quer imitar a “estrela” cheia de glamour, de requebros e olhares significativos (NUNES, 1946).

CONCLUSÕES

Levantando e analisando os conteúdos da Revista Mensageiro da Fé entre as décadas de 1930 e 1960, período em que o cinema figurava como uma das mais importantes atividades de cultura e sociabilidade do século XX, percebemos como estão fortemente relacionados à idéia de uma formação cotidiana pelo cinema e da necessidade de uma formação apropriada para o consumo do cinema. Isso porque já não havia mais como conter a enorme influência que este meio passou a exercer na vida de pessoas e grupos.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O corpo e o espírito estavam abertos a esta tão poderosa mescla de técnica, arte, indústria, prática social. Seria, a depender do uso, uma escola de elevação ou de perversão. E era preciso insistir em tal esclarecimento. Os católicos a isso se prestaram, tanto os clérigos como os leigos, como pudemos perceber nos textos publicados, que ora tendiam a ter o cinema como instrumento para os “vãos alcondorados para o mais e para o melhor”, ora como “armadilha armada (...) fatal à salvação”.

A despeito das nossas especulações surgidas a partir do levantamento dos textos que se apresentavam ao público num veículo católico, resta-nos o desejo de saber como esses elementos discursivos repercutiam nas escolhas e nos comportamentos das crianças e adolescentes, a partir do que era permitido ou proibido pelos pais, professores e autoridades. Mas esta é outra tarefa, que demandaria criterioso trabalho de memória, a fazer emergir lembranças, em meio aos esquecimentos, de quem, talvez, quando criança ou adolescente, tenha estado nas rodas alvoroçadas de conversas sobre um filme, tenha imitado o artista favorito, tenha sido proibido de ir ao cinema ou advertido pelo pai, pelo professor ou pelo padre quanto aos poderes de perdição que a luz sobre a tela carregava consigo.

REFERÊNCIAS

- AS CRIANÇAS e as diversões actuales. **Mensageiro da Fé**. Salvador, 17 abr. de 1938, ano XXXVI, n.8, p. 61.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- CINEMA e mocidade. **Mensagem da Fé**. Salvador, jul. 1950, 48º ano, n. 13, p. 2.
- COELHO, D. Manoel Nunes. Carta Pastoral sobre o Cinema. **Mensagem da Fé**. Salvador, dez. 1940, Ano XXXVIII, n. 24, p. 190.
- DALE o.p., Frei Romeu (org.). **Igreja e Comunicação Social**. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.
- DAMASCO. Paulo de. Em face do cinema. **Mensagem da Fé**. Salvador, jun. de 1941, ano XXXIX, n. 12, p. 22.
- DIVERTIMENTOS e Educação Cristã. **Mensagem da Fé**. Salvador, mai. 1944, ano XLII, n. 9.
- EDUCAÇÃO e Cinema. **Mensagem da Fé**. Salvador, mai./jun. 1944, ano XLII, n. 10, n. 11 e n. 12.
- EQUIPE DE REFLEXÃO DO SETOR DE COMUNICAÇÃO DA CNBB. **Comunicação e Igreja no Brasil** – Estudos da CNBB 72. São Paulo: Paulus, 1994.
- HÁ PERIGO nos filmes. **Mensagem da Fé**. Salvador, jan. 1948, ano 46, n.1.
- INTERESSE positivo no cinema. **Mensagem da Fé**. Salvador, set. 1948, ano 46, n. 17.
- LOGGER, Guido. Que fazem os católicos no cinema? **Mensagem da Fé**. Salvador, jan.1959, ano 57, n. 1, p. 6.
- MELO, Plácido de. Cinema Católico. **Mensagem da Fé**. Salvador, mai. 1940, ano XXXVIII, n. 9, p. 68.
- MICELI, Sergio. Introdução: A força do sentido. In BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. VII-LXI.
- MORAL do cinema comercial. **Mensagem da Fé**. Salvador, out. 1960, ano 58, n. 20, p.1.
- NUNES. S.D.S., Padre Adalberto de P. A influência do cinema. **Mensagem da Fé**. Salvador, out. 1946, ano XLIV, n. 19.
- PIO XI, Papa. **Vigilanti Cura**. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1936. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_2906_1936_vigilanti-cura_po.html. Acesso em 12/01/2009.
- PIO XII, Papa. **Miranda Prorsus**. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1957. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_08091957_miranda-prorsus_po.html. Acesso em: 12/01/2009.
- RIBEIRO, José Américo. **O cinema em Belo Horizonte: do cineclubismo à produção cinematográfica na década de 60**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- SERRANO, Jonathas. Cinema e psicologia. **Mensagem da Fé**. Salvador, set. 1935, ano XXXIII, n. 18, p.138.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

VENÂNCIO O. F. M, Frei. Meninos e cinemas. **Mensageiro da Fé**. Salvador, jan. 1951, ano 49, n.2, p. 5.

WINTZ, Hans. O cinema: problemas e tarefas. **Mensageiro da Fé**. Salvador, jan. 1949, ano 47, n. 1, p. 3.